dos preços praticados no mercado interno.

Este quadro explica a resistência dos usineiros nordestinos à proposta apoiada por representantes do Centro-Sul, de livre exportação e importação do pluma. Se a medida fosse adotada, o preço no mercado interno cairia ainda mais, até alcançar a paridade internacional, agravando os problemas econômico-financeiros da região.

*** PROALCOOL

O longo compasso de espera que antecedeu a alvissareira decisão do Conselho de Desenvolvimento Econômico (CDE) de implementar o PROALCOOL a todo vapor, teve repercussões favoráveis. A morosidade na liberação das verbas, que resultava do lento enquadramento técnico dos projetos e da inexistência de recursos suficientes para todas as propostas apresentadas, vinha sendo um problema crônico desde o lançamento do programa. Agora, com a alocação de expressivos recursos da ordem de Cr$ 9,6 bilhões, o governo resolveu desafiar sua própria burocracia e a capacidade dos empresários do setor em aplicar rapidamente os elevados recursos disponíveis. Até o momento, dos 112 projetos apresentados, apenas 31 tiveram suas verbas liberadas. Em fase de contratação, encontram-se 81 projetos. A sua rápida tramitação facilitaria, sem dúvida, o cumprimento da meta de produção de 3 bilhões de litros de álcool em 1980.

Sem embargo, amplas disponibilidades de verba nunca significaram, necessariamente, igual disponibilidade de recursos reais, em termos de volume de cana ou, principalmente, de equipamentos para destilarias. Além disso, persiste a indefinição sobre como adequar a capacidade dessas destilarias em função de sua melhor localização geográfica, e do grau mais apropriado de integração às usinas (anexas x autônomas).

À semelhança do que aconteceu com as usinas de açúcar na época da implantação do seu programa de modernização, repete-se o congestionamento dos pedidos de equipamentos em curto espaço de tempo. Esta expansão da demanda tem sido responsável pelo contínuo aumento dos preços dos equipamentos. Sabe-se que em qualquer atividade altamente subsidiada, as vantagens financeiras concedidas pelo governo tendem a ser apropriadas pelos fatores de oferta mais rígida. Essa tendência é tanto mais evidente quanto maior o grau de monopólio da propriedade desses

fatores, e quanto mais difícil for a rápida expansão da oferta. Esse parece ser, justamente, o caso do setor de produção de equipamentos para destilarias.

Quanto à discussão entre destilarias anexas ou autônomas, algumas questões continuam ainda pendentes. De um lado, o programa recentemente aprovado pelo CDE confere uma discreta preferência às destilarias anexas devido ao receio de uma possível ociosidade futura, se o preço do açúcar subir ou o preço do petróleo baixar. Por outro lado, o Plano de Safra prevê a destilação direta de cana equivalente a 15 milhões de sacos de açúcar. Isto parece implicar em sobrecarga das destilarias anexas, cuja dimensão deve atender apenas a 20% da capacidade das usinas. Ainda que as destilarias funcionassem de modo ininterrupto, o que é tecnicamente impossível, uma parcela substancial do caldo da moagem teria que ser destinada à produção de açúcar, já que as destilarias anexas são subdimensionadas para a produção exclusiva de álcool, frente à dimensão do equipamento de moagem da cana.

Agravando ainda mais esta situação, várias usinas de açúcar não possuem destilarias anexas, obrigando o transporte do melaço residual para destilarias autônomas. Para adequar o fornecimento de melaço à capacidade de processamento das destilarias seria necessária a estocagem da matéria-prima para a produção de álcool também na entressafra da moagem de cana. Além disso, sabe-se que a capacidade de estocagem de melaço e álcool é insuficiente para receber toda a produção prevista. Todos esses óbices reduzem as possibilidades de consecução da meta de 1,4 bilhão de litros de álcool.

*** SOJA

A inesperada queda nas cotações internacionais da soja desde o final de abril, em plena fase de comercialização da safra brasileira, exige uma análise cuidadosa da atual situação do mercado e de suas perspectivas a curto e médio prazos. Embora os preços da soja praticados no mercado internacional tivessem, em fins de abril, ultrapassado os US$ 400/ton (representando um incremento de 58% num período de seis meses), a forte redução que se seguiu (16% no período de 22/04 a 24/05) causa, no mínimo, alguma estranheza, dada a conhec